



Universidade Federal da Bahia



Maria do Carmo Suzart Rocha
Marcia Tereza Rebouças Rangel
Lanara Guimarães de Souza

Introdução à Educação a Distância

INTRODUÇÃO A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

INTRODUÇÃO A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Maria do Carmo Suzart Rocha

Marcia Tereza Rebouças Rangel

Lanara Guimarães de Souza

Salvador - 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	Produção de Material Didático	Equipe Audiovisual
Reitor: João Carlos Salles Pires da Silva	Coordenação de Tecnologias Educacionais	Direção:
Vice-Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira	CTE-SEAD	Prof. Haenz Gutierrez Quintana
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Núcleo de Estudos de Linguagens &	Coordenação de estúdio:
Pró-Reitor: Penildon Silva Filho	Tecnologias - NELT/UFBA	Maria Christina Souza
Superintendência de Educação a Distância -SEAD	Direção de Criação	Câmera / Iluminação
Superintendente: Márcia Tereza Rebouças Rangel	Prof. Haenz Gutierrez Quintana	Maria Christina Souza
Coordenação de Tecnologias Educacionais CTE-SEAD	Projeto gráfico	Edição:
Haenz Gutierrez Quintana	Haenz Gutierrez Quintana	Franklin Matos Junior
Coordenação Administrativa CAD-SEAD	Capa: Alessandro Faria	Flávia Ferreira Braga
Sofia Souza	Foto de capa: Pixabay	Jeferson Alan dos Santos Ferreira
Coordenação de Design Educacional CDE-SEAD	Revisão: Márcio Matos	Jorge Bonfim Santiago Farias
Lanara Souza	Equipe Design	Animação e videografismos:
UAB -UFBA	Supervisão	Bianca Fernandes Silva
	Alessandro Faria	Rafael Caldas
	Editoração / Ilustração	Thiago Andrade Santos
	Tiago Silva dos Santos	Edição de som e Trilha Sonora:
	Marcone Silva	Pedro Henrique Queiroz Barreto



Este obra está sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Sistema de Bibliotecas - UFBA

R672 Rocha, Maria do Carmo Suzart.
 Introdução a educação a distância / Maria do Carmo Suzart
 Rocha, Marcia Tereza Rebouças Rangel, Lanara Guimarães de Souza. -
 Salvador: UFBA, Superintendência de Educação a Distância, 2017.
 59 p.: il.
 ISBN: 978-85-8292-120-3
 1. Ensino à distância. 2. Educação. I. Rangel, Marcia Tereza
 Rebouças. II. Souza, Lanara Guimarães de. III. Universidade Federal da
 Bahia. Superintendência de Educação a Distância. IV. Título.

CDU – 37.018.43

SUMÁRIO

BOAS VINDAS	7
MINICURRÍCULO DAS PROFESSORAS	9
VIA DE ACESSO 1 – AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC) E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)	11
As Implicações das Tecnologias na Educação	13
Educação a Distância (EaD)	15
Contextos e Marcos Regulatórios da EaD no Brasil	17
VIA DE ACESSO 2 – APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EAD	
Ação Pedagógica na Perspectiva da Autonomia	21
O Hipertexto Construindo um Novo Horizonte para a Educação	24
O Hipertexto: Um Novo Modo de Pensar e Agir	26
Aprendizagem Cooperativa e Colaborativa na EAD <i>On-line</i>	30
Sala Ambiente de Aprendizagem <i>On-line</i> : Um Lugar de Afetividade?	31
VIA DE ACESSO 3 - AMBIENTE VIRTUAL DE ENSINO E APRENDIZAGEM: OUTRO COTIDIANO DO SABER	
Ambiente Virtual de Aprendizagem no Contexto da Cibercultura	38
Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)	42
AVA <i>Moodle</i> - um ambiente de comunicação	42
As Relações do Corpo e o AVA	43
VIA DE ACESSO 4 - RECURSOS DINAMIZADORES EM UM AVA/ MOODLE	
Diferenças entre Atividades e Recursos do <i>Moodle</i>	48
Possibilidades Pedagógicas das Atividades e Recursos do <i>Moodle</i>	48

VIA DE ACESSO 5 - ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DE ESTUDOS NA EAD

Orientações de como organizar os estudos para aproveitar melhor o tempo e o espaço nesta modalidade de educação. 51

REFERÊNCIAS 54

BOAS VINDAS

Car@s estudantes,

Sejam muito bem-vindos(as) à experiência de construção do conhecimento de forma autônoma, colaborativa e cooperativa, em um processo de comunicação educativa com múltiplas tecnologias e possibilidades!

Sabemos da estranheza que ocorre ao iniciar um curso na modalidade a Distância, e este componente, *Introdução a Educação a Distância - EaD*, pretende inserir você nos estudos da EaD, desenvolvendo competências básicas para a aprendizagem nessa modalidade de educação.

Trata-se de um componente curricular do ciclo introdutório, que propõe uma imersão no universo da educação a distância, focado no estudo de três temas correlatos: educação a distância e as tecnologias de informação e comunicação, aprendizagem e construção do conhecimento na educação a distância, ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensinar e aprender.

O estudo perpassa por conhecer um pouco as características da Educação a Distância na era da *internet*, compreender as implicações das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na sociedade e na educação, entender o processo de aprendizagem e construção do conhecimento na EaD na perspectiva da autonomia do discente bem como as possibilidades educacionais do Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle* no processo de ensinar e aprender no contexto da cibercultura. Além disso, você será convidado a refletir sobre a atitude do educando frente ao desafio de estudar sem a presença física do professor, e, por último, apresentaremos algumas dicas que o ajudarão a construir sua agenda de estudos para que a aprendizagem flua com qualidade.

Convido você a movimentar-se conosco com olhar crítico em direção a cada via de acesso ao conhecimento para a composição das cenas de aprendizagem.

Vamos iniciar então!

Minicurrículo das Professoras

Maria do Carmo Suzart Rocha

Especialista em Educação a Distância – EaD pela UNEB (2011). Especialista em Docência e Gestão Pedagógica do Ensino Superior pela UNESA (2015). Técnica em Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA, atuando com Educação *On-line* no Núcleo de EaD da Superintendência de Tecnologia da Informação da UFBA. Membro da equipe responsável pelo ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* da Instituição.

CV: <http://lattes.cnpq.br/8038532587542349>

Lanara Guimarães de Souza

Doutora em Educação pela UFBA (2015), Mestre em Educação pela UNEB (2003), Pedagoga (1997) com Especialização em Planejamento e Gestão da Educação (2000) e Especialização em Avaliação (2002) também pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFBA. Coordenadora de Design Educacional da Superintendência de Educação a Distância da UFBA. Membro da comissão permanente de educação a distância da FACED/UFBA. Pesquisadora na área de Educação com ênfase em: políticas públicas, avaliação, gestão educacional e educação a distância - EAD.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2300035671023387>

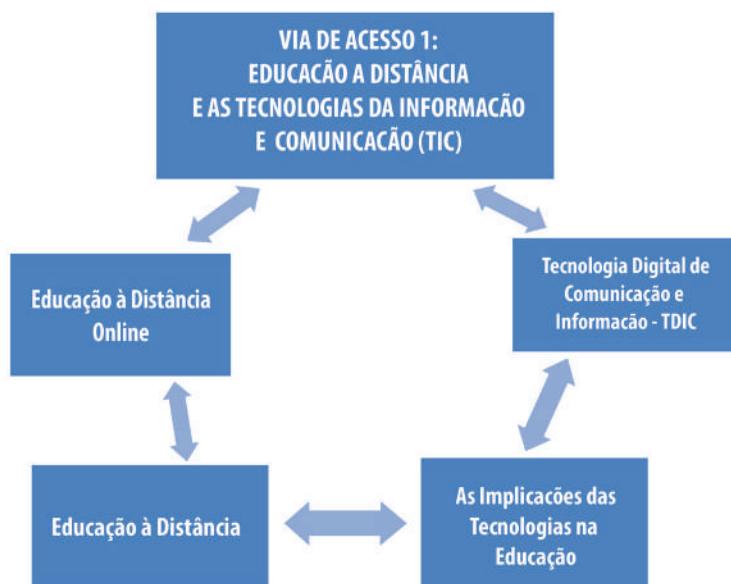
Márcia Rangel

Mestranda em Gestão e Tecnologia Aplicada à Educação pela (UNEB), com Especialização em Gestão da Informação pela (UFBA) graduação em Administração pela UCSAL. Atualmente é Superintendente de Educação a Distância da Universidade Federal da

Bahia e Coordenadora da Universidade Aberta do Brasil, Pesquisadora na área de Gestão com ênfase: Gestão Pública - Gestão Educacional – Gestão de Tecnologia Educacionais – Gestão de Pessoas - Gestão de Redes de Colaboração e Aprendizagem.

CV: <http://lattes.cnpq.br/4081309977044806>

1^a VIA DE ACESSO AO CONHECIMENTO – AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC) E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC)

Não podemos ignorar que as tecnologias digitais estão transformando as relações sociais, de trabalho, as maneiras de pensar e de aprender, tornando a inteligência dependente dos dispositivos informáticos cada vez mais eficazes, pois, como afirma Lévy (1990, p.7), “Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”.

O desenvolvimento da história caminha junto com o desenvolvimento das técnicas e sempre esteve ligado à intervenção do homem sobre a natureza. Como bem Santos (2008, p. 57) aponta, trata “[...] da história dos instrumentos e meios de trabalho postos à disposição do homem”. Historicamente, o homem sempre buscou se apropriar do meio em que vivia para garantir sua subsistência, e, nessa busca, criava, recriava necessidades, modificando-as de acordo com os seus propósitos que, cada vez mais, exigiam novas técnicas. Porém, a técnica não pode ser vista apenas por esse ângulo, de satisfação das necessidades; cada técnica é representativa para a história de uma época e, consequentemente, para a necessidade do momento.

O representativo, hoje, na contemporaneidade é a técnica dos dispositivos informáticos que constituem redes complexas de significação as quais possibilitam estar em vários lugares e garantem ações simultâneas em tempo “real”, numa convergência de momentos. Sendo assim, revela a existência de um tempo social, e não apenas de um território, mas de vários territórios de conexão, tornando mais veloz o ritmo do processo histórico, nominado de “interdependência e solidariedade do acontecer”(SANTOS, 2002, p.27).

Assim como Santos, Lévy aponta para um “tempo real” trazido pela cultura informático-mediática, o qual tem um caráter passageiro e efêmero. Uma informação jamais será (re)lida ou reinterpretada como os textos dos séculos passados; contudo lidos em sua época, dentro de suas perspectivas e necessidades com outro foco.

Diferentemente da antiga maneira de inscrever sinais no território, a informática coloca em movimento os homens e as coisas para a retomada de um espaço-tempo social viscoso, em favor de uma reorganização permanente e em tempo real das estruturas sócio-técnicas. (LÉVY, 1990) Santos (2002) aponta que a fluidez dessas técnicas de comunicação globaliza o espaço-tempo, rompendo com a espacialidade e temporalidade hegemônica que ocorre no cotidiano da vida nos lugares.

Pensando a técnica a partir da palavra grega *Téchne*, Pires (2005)¹ argumenta que

Advém da raiz sânscrita *Tvaksh* (fazer, aparelhar). A *Téchne* grega frequentemente traduzida para o latim por *Ars* (arte) era usada para designar a habilidade, a arte ou a maneira de fazer algo, ligada à transformação por intermédio da ação do homem de uma realidade natural em “artificial”.

¹ Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v7n2_sandra.htm

Nessa perspectiva, percebe-se que a tecnologia é própria do homem que inventa representações simbólicas sob novas formas de linguagem, porém não se restringe a isso, vai muito além, num complexo de interações instituições-coletivos-máquinas-sociedade. Cria novas maneiras de comunicação, de interação e inserção social que provocam modificações no nosso modo de comunicar, pensar, conhecer e criar. No processo complexo de interação instituições-coletivos-máquinas-sociedade, o homem tanto transforma o contexto em que vive como também ele próprio se transforma, inventa novas formas de estar no mundo e produz conhecimento sobre esses acontecimentos, nos quais está envolvido. (LÉVY, 1990)

Assim, entende-se que o sentido da técnica está ligado com a arte, a criação, com a interferência humana e a transformação. Por consequência, a tecnologia diz respeito a esse processo produtivo, criativo e transformador. Essa compreensão da tecnologia como fonte criativa e transformadora é basilar no contexto educacional. (LIMA JR, 2004)

O surgimento desse discurso em redes e dessas novas práticas sociais mediados pelas tecnologias requer uma compreensão das implicações das tecnologias digitais nos cotidianos educacionais e na linguagem, possibilitando alterar o olhar do sujeito em relação à tecnologia, à linguagem e às práticas sociais na sociedade contemporânea. Extrapolando, assim, uma visão mecanicista de simples utilização de softwares, passando a ser vista como um meio de expansão comunicacional e de atividade social e cognitiva.

Dante desse novo contexto de comunicação e pensamento, faz-se necessário compreender as implicações que emergem das tecnologias digitais para a educação, e, em especial, para a comunicação e produção de sentido.

As Implicações das Tecnologias na Educação

Compreender as implicações dos processos sociotécnicos nos novos modos de conhecer, de comunicação e construção do sujeito em um cenário contemporâneo complexo, é fundamental para estabelecer a nossa relação com a educação para além dos muros das escolas, universidades, em uma nova perspectiva de conhecimento, criatividade e comunicação, onde a tecnologia não seja vista apenas como aparato tecnológico e que se torna obsoleto com a história.

Percebe-se que as habilidades de escrita, a cada tempo, vêm sofrendo alterações de acordo com a forma de organização das informações, o suporte de registro dessas informações

e textos, e até mesmo as próprias mudanças históricas que moldam o modo de ser, de pensar e de viver das pessoas.

Ao se lerem os registros nas cavernas feitos em épocas da pré-história – pictogramas ou o papiro – ou até mesmo os livros até chegar ao tempo “digital”, é perceptível a importância da escrita em cada época, e não se pode negar as transformações que estão ocorrendo com esta última, inclusive na maneira de conhecer, e transmitir as mensagens e na velocidade que acontece.

Assim, a aprendizagem há muito tempo que deixou os limites da instituição, como a universidade ou a escola. Nelas, muitos jovens querem e precisam se ver como autores dos seus próprios conhecimentos, autores de tipos de textos que atendam suas necessidades sociais, pessoais e afetivas. Eles entram em conflito com diferenças nítidas e contraditórias de concepções e práticas na escola, pois já estão à frente e veem a escola desinteressante diante da sua capacidade de aprendizagem e/ou atualizações históricas.

O fato é que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) têm colocado instáveis as antigas forças e representações, possibilitando outros modos de conhecimento e de regulação social na perspectiva de uma nova sociedade. (LÉVY, 1990, p.17-18) Isso significa que precisamos analisar como os diversos modos semióticos podem ser articulados para produzir sentido e, assim, redimensionar o entendimento dos conceitos de técnicas e tecnologias nos processos educativos.

As mudanças no processo comunicacional com o uso de novas mídias trouxeram importantes desafios à prática dentro e fora da sala de aula. Algumas literaturas sobre EaD (PETERS, 2009; MOORE; KEARSLEY, 2007) apontam que a comunicação dialógica é a tônica das boas propostas de construção do conhecimento a distância, desde que associadas uma metodologiaativa e construtiva do conhecimento.



Reflexão

Como as tecnologias têm transformado as nossas vidas, em especial a educação?

Educação a Distância (EaD)

A educação na contemporaneidade movimenta-se em direção a outros espaços de aprendizagem para além das salas de aulas tradicionais e a relação com o saber sofre mutação, deslocando-se para o ciberespaço regido sob o signo da interação, como afirma Lemos (2004, p. 135-136). A *internet* configura-se como um desses espaços, com salas de aprendizagem *on-line*, aqui denominada de Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA.

Entende-se por espaço de saber tradicional aquele sem fluidez, que possui tempo e espaços fixos, pré-estabelecidos para que estudantes e professores se encontrem e ocorra a aprendizagem; diferentemente da educação a distância em AVAs, que se caracteriza pela ubiquidade de comunicação em qualquer momento e em qualquer lugar, sem a necessidade da presença física para estar junto e acontecer o processo de ensinar e aprender.

Você deve estar se perguntando o que é, realmente, Educação a Distância (EaD)?

A educação a distância pode ser definida como uma modalidade de educação onde os participantes desse processo estão separados fisicamente no tempo-espacó, porém conectados através de meios analógicos unidireccionais que separam emissão e recepção, a exemplo do rádio, da televisão e outros meios, tais como: correspondência, DVD, vídeo aula.

Com a *internet* e a evolução das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), outro modelo de educação vem sendo desenvolvido em ambientes virtuais, diferenciando-se do tipo de educação a distância em suportes analógicos, transmitido de forma unidirecional. Enquanto esta separa emissão e recepção no tempo e espaço, a educação a distância *on-line*, desenvolvida em AVAs, possibilita a comunicação assíncrona e síncrona (fóruns, *chat*, *wiki*, entre outros) proporcionando o estar junto com professores, tutores e estudantes em tempos diferentes, bem como em tempo “real”, numa perspectiva de educação sem distância, alterando, assim, o conceito de distância. Esse modelo vem ganhando dimensão, tornando-se uma realidade cada vez mais presente e reconhecida no país.



Legenda: Redes sociais

Fonte: Ilustração Por Marcone Silva

A educação a distância, realizada por meio da *internet*, se inscreve em uma concepção metodológica pautada na comunicação, interação e na construção do conhecimento de forma cooperativa e colaborativa que estimula a autoria e a autonomia do aluno (SILVA, 2010).

Fonte: alliar.blogspot.com

De acordo com Lévy (1994)²

[...] a dimensão da comunicação e da informação está se transformando numa esfera informatizada. Com o espaço cibernetico, temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata. Cada pessoa pode se tornar uma emissora, autora, o que não é o caso de uma mídia de massa como a imprensa ou a televisão.

<http://www.caosmose.net/pierrelevy/aemergen.html>

Este movimento potencializado pelo ciberespaço estimula a imaginação, a sinergia dos saberes, a criação e novas produções, além de possibilitar aprender com o outro e a se reconhecer no outro, afetando-se mutuamente sem, contudo, ignorar as tensões provocadas pelo diferente que emerge em/na rede, resultando em uma grande mobilização de competências.

A partilha dessas competências e os percursos individuais e coletivos que se cruzam vão construindo novas redes de conhecimento em tempo real. Essa dinâmica que se constitui

² Palestra realizada no Festival Usina de Arte e Cultura, promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em Outubro, 1994. Tradução Suely Rolnik. Revisão da tradução transcrita: João Batista Francisco e Carmem Oliveira. <http://www.caosmose.net/pierrelevy/aemergen.html>

no ciberespaço é definida por Lévy (1999, p.32) como “inteligência coletiva”, porém afirma o autor, “longe de fundir as inteligências individuais em uma espécie de magna indistinto, a inteligência coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”.

A educação a distância potencialmente tem a marca da comunicação e propicia a criação de novas narrativas, novas maneiras de aprender e ensinar, novos hábitos e valores, e um novo fazer cotidiano cultural e de saberes

Refuta-se a concepção de que a educação a distância é uma educação longínqua, distante, em que o aluno esteja isolado, pois entendemos que se manterá a interatividade constante com os colegas, tutores e professores, em um processo de comunicação dialógica. A EaD de qualidade, para existir, deve promover comunicação completa, de mão dupla, garantindo a voz e autoria de todos os participantes.

Estudar a distância se configura um processo permanente de práxis, porque a reflexão pautada na discussão transforma-se em ação, e esta, depois de executada, deverá novamente ser discutida, donde surgirá um novo projeto, uma nova reflexão e, assim, ininterruptamente. As atividades na EaD, portanto, devem proporcionar momentos de conscientização rigorosa e coletiva sobre a realidade em que se vive, tornando a aprendizagem mais significativa.



Sabendo um pouco mais

ALMEIDA M. Elizabeth B. Educação a distância na *internet*: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, FE/USP, v. 29, n. 2, pp.327-340, jul-dez 2003.

BELONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

Contextos e Marcos Regulatórios da Ead no Brasil

No Brasil, os últimos 20 anos foram marcantes para a educação em geral e para a Educação a Distância (EaD), em particular. A abertura legal para o ensino superior a distância

aconteceu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96. Em suas Disposições Gerais, Artigo 80, a LDB atribuiu ao Poder Público o papel de incentivar “[...] o desenvolvimento [...] de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades [...], e de educação continuada” (BRASIL, 1996, não paginado).

O Decreto 5.622/05 (BRASIL, 2005) e os Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância (BRASIL, 2007), que entraram em vigência logo após a virada do século, são hoje exemplos de normatizações em prol da efetivação de programas de EaD de melhor qualidade.

Os dados de todos os censos desse período (LIMA, 2014; RISTOFF, 2013), que tratam da educação superior, indicam expansão desse nível de ensino e passam a considerar a EaD, apontando crescimento vertiginoso da modalidade, especialmente após a virada do século.

Para ampliar o acesso e diversificar a oferta de ensino superior em nosso país, no ano de 2005, o MEC criou o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Tendo como base o aprimoramento da EaD, a UAB visa expandir e interiorizar a oferta de cursos pela ampla articulação entre instituições públicas de educação superior, estados e municípios brasileiros, para promover, através da metodologia da EaD, acesso à formação especializada para camadas da população que estão excluídas do processo educacional.

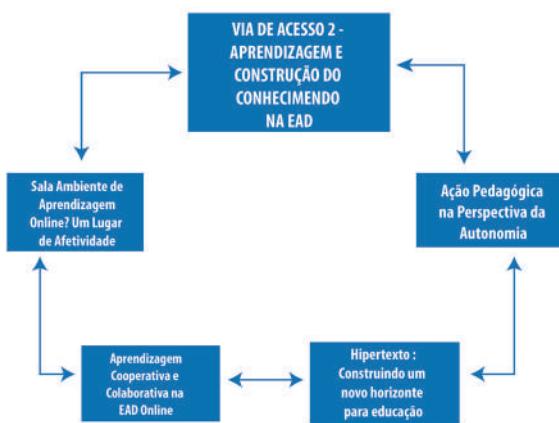
O sistema UAB tem sido considerado bem-sucedido, seja por confirmar a possibilidade de articulação entre as partes envolvidas [e por superar as muitas] dificuldades enfrentadas desde sua implantação, seja pelo atendimento dos objetivos previstos ou por outros benefícios indiretos. O Sistema UAB tem promovido diversas possibilidades de repensar a prática pedagógica nas universidades públicas, de democratizar o conhecimento dos grandes centros de produção científica brasileiros, de mudar a cultura do ensinar e aprender. (MILL, 2012, p. 286).

O sistema UAB vincula as universidades públicas a polos de apoio presencial localizados em diversas localidades. Para o gerenciamento e a viabilização das atividades de cada curso do sistema UAB nas instituições de ensino superior, existe uma equipe multidisciplinar formada por: coordenadores, designers, professores e tutores. Todos, em suas respectivas funções, são mediadores do processo de aprendizagem dos alunos e são fundamentais para criar situações que favoreçam a construção do conhecimento.

Alicerçadas em conceitos claros de participação, democracia e autonomia, no sentido de rever constantemente os desafios, as possibilidades e os limites de sua atuação, as equipes dos cursos na UAB devem realizar ações inovadoras a partir da descentralização de decisões e da administração consciente das relações, aspirando à participação coletiva, com vistas a garantir o acesso de todos à educação.

Portanto, identifica-se, no bojo da legislação e das políticas direcionadas à educação superior, que a EaD não negligencia o necessário atendimento ao padrão de qualidade deste nível de ensino, mas sinaliza para programas que considerem, ainda, as dinâmicas pedagógicas complexas que estruturam essa modalidade educativa, incluindo, nesse contexto, o acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação, e que articulem produção, acompanhamento e avaliação dos(as) estudantes pelos profissionais da educação.

VIA DE ACESSO 2 – APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EaD



Diante das profundas mudanças na sociedade e na educação provocadas pelas TIDC, novas configurações também ocorrem no processo de ensino aprendizagem e construção do conhecimento, uma vez que propiciam ao(a) estudante atitude exploratória, de pesquisa, possibilitando interatividade e acesso ilimitado de informações e saberes.

A educação na contemporaneidade exige novas atitudes, outras práticas educativas que possibilitem o processo de aprender e conhecer por meio da cooperação, colaboração, de simulações de situações de aprendizagem, de múltiplas experimentações e expressões, estimulando a autonomia do indivíduo, a capacidade de pensar criticamente e criar sua própria trilha de aprendizagem e conhecimento.

Ação Pedagógica na Perspectiva da Autonomia

Ainda é muito frequente, em salas de aulas presenciais, colocar o(a) estudante no mero papel de receptor da informação, passivo, incapaz de produzir seu próprio conhecimento.

Em contraposição a essa **lógica hegemônica da educação tradicional**, Freire (1996) critica o reducionismo da educação bancária e defende a ação pedagógica como um ato dialógico entre educador e educando na perspectiva de sua autonomia e emancipação.

Alguns teóricos, como Primo (2007) e Silva (2010), defendem a ideia de que o diálogo pode constituir-se em um forte elemento motivador para que o aluno se aposse da aprendizagem, tornando-se autônomo, construtor do seu conhecimento.

Essa ideia vem ao encontro do educador Paulo Freire, que, há muitas décadas, já defendia que “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”. (FREIRE, 1979, p.121) Para quem entende que o homem deve ser sujeito da sua própria história e não objeto dela, o desejo de aprender focado em experiências deve ocupar o lugar central de modo a incentivar as decisões e a responsabilidade, por isso Freire (1979) propõe uma pedagogia que respeite a subjetividade, a identidade e autonomia do educando imprimindo uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e sociedade.

O pensamento de Freire em nossa definição na EaD significa colocar subjacente a perspectiva de uma prática comunicacional educativa voltada ao gerenciamento do processo de ensino e aprendizagem de forma crítica e criativa, na transformação social. (HACK, 2009)

A autonomia na perspectiva de superação do padrão tradicional de transmissão no qual o professor é o centro do saber significa o educando aprender na relação com o outro e pela sua própria elaboração, transformando a sua maneira de compreender, de conhecer. Esse processo imprime uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e o meio.

O desafio colocado, hoje, tanto para o docente quanto para o discente, é compreender esses novos espaços de aprendizagem que emergem de uma nova ecologia de saber, exigindo uma postura crítica, uma constante atualização do conhecimento na perspectiva de mobilizar ações educativas descompartmentalizadas, emancipatórias, conforme defende Freire (1996).

Para tanto, assinalamos, em primeiro lugar, a necessidade de questionar e reconstruir as concepções de transmissão e fragmentação do saber, haja vista que essas teorias de ensino/aprendizagem reproduzem práticas não sintonizadas com o fenômeno da cibercultura, ou seja, fundada na conectividade, reconfiguração, interatividade e no compartilhamento, como afirma Lemos (2004).

De acordo com Rocha (2011, p.1-2),

Pensar este novo cenário na visão de Deleuze apresentada por Silvio Gallo (2003, p.100) necessita de um novo paradigma de conhecimento e de pensamento que favoreça a desconstrução das antigas formas de pensar, impostas pela fragmentação histórica dos saberes predominantes, até os dias de hoje, nos currículos da maioria dos cursos, aos quais estamos condicionados. Ele chama a atenção para a relação entre a fragmentação cartesiana do saber e a questão de poder. De acordo com o autor, “(...) compartmentalizando, fragmentando, é muito mais fácil de controlar o acesso, o domínio que os alunos terão e também de controlar o que eles sabem” dificultando a compreensão da complexidade de um mundo conectado.

Nesse novo contexto da educação, é imprescindível rever os modelos educacionais e contemplar outro perfil de aluno que emerge com as tecnologias digitais, requerendo dos docentes e estudantes ampliação das habilidades cognitivas exigidas pelas novas TDIC.



Reflexão

O que significa e qual importância da autonomia para sua formação?



Sabendo um pouco mais

RICCIO, Nícia Cristina Rocha. Ambientes Virtuais de Aprendizagem na UFBA: a autonomia como possibilidade. Disponível em:<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/14230>

O Hipertexto Construindo um Novo Horizonte para a Educação



Legenda:

Fonte:

O Hipertexto vem ao encontro da proposta educacional do curso no sentido de romper com a linearidade, possibilitando a construção de múltiplos caminhos que favorecem a atitude exploratória do(a) aluno(a), a interatividade, na construção do conhecimento.

Fonte: Revisa Já

Antes do advento da *internet*, só era possível ter acesso a informações lineares e fechadas. Agora, com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), as formas de comunicação e de produção também mudaram e tornaram-se abertas, flexíveis, dinâmicas e criativas.

As tecnologias digitais trazem outras linguagens, outras formas de comunicação e outro tipo de texto – o hipertexto³ -, que se caracteriza como um tipo de escrita e *leitura* não linear, permitindo, através de *links*⁴, acesso ilimitado, de forma instantânea, a outros textos, sejam eles verbais, não verbais ou a conjugação de várias modalidades. (LEMOS, 2004, p.122)

³ Hipertextos, seja *on-line* (Web) ou *off-line* (CD-ROM), são informações textuais, combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de ideias sob a forma de *links*. O hipertexto é uma obra com várias entradas, onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos *links*. (LEMOS, 2004 p.122)

O computador mudou o nosso modo de ler e escrever, tornando-o mais dinâmico, e o hipertexto pode ser considerado como um novo espaço de comunicação, leitura, escrita e de produção de sentido. A comunicação, como elemento base das tecnologias intelectuais, não é apenas o ato de transmitir algo, mas sim como a mensagem **é transmitida**. A **recepção de diversas** mensagens, imagens, palavras, sons, sinais, vai construindo redes de significação na mente do receptor.

O hipertexto, em decorrência, torna-se uma das realizações mais importantes da *internet*, pois permite ligações não lineares em tempo real de um documento para outros documentos em rede, possibilitando um diálogo com vários autores num processo de leitura não sequencial, frequentemente, atualizada pelos próprios leitores que trafegam por essas inúmeras vias de conhecimento que se constituem em textos plurais, tornando-se (co)autores do hipertexto. Nesse contexto, com características bem diferentes da comunicação clássica, em que o leitor é apenas um receptor passivo, surge um leitor ativo, explorador, que interage com a informação, e esta ganha sentido a partir das intervenções e reconfigurações que são feitas pelos leitores.

Partindo desses conceitos de autonomia, criatividade e liberdade de expressão, propomos a reflexão sobre o hipertexto para se pensar esse fenômeno sob a perspectiva da comunicação e da construção coletiva de sentido, visando um novo horizonte para a educação.

Cada época em que surgem novas técnicas, o pensamento, os modos de vida do sujeito, dos grupos e da sociedade se transformam. Nesse sentido, aqui buscamos refletir o hipertexto, apontado por Lévy (1990), como uma nova tecnologia intelectual de construção coletiva de sentido e suas potenciais possibilidades de mudança nos modos de produção de conhecimentos no âmbito educacional.

Vivemos em um mundo complexo no qual as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) têm assumido um papel preponderante nas novas formas de comunicação e de produção de conhecimento na sociedade atual. Nessa ambiência, as relações e o conhecimento tornam-se fluidos, deslocando-se para qualquer lugar do ciberespaço, sem fronteiras, em um movimento não linear, na forma de uma grande rede hipertextual.

O Hipertexto: Um Novo Modo de Pensar e Agir

Vannevar Bush foi o primeiro a lançar a ideia de hipertexto ao dizer, em 1945, num artigo intitulado “*As we may think*”, que o ser humano funciona por associação. Ele idealizou um dispositivo chamado MEMEX, que seria capaz de facilitar a integração rápida de informações textuais onde uma palavra se transformaria em outro texto escrito, independentemente de qualquer classificação hierárquica, tendo como modelo as associações realizadas pela mente humana. Pula de uma tela para outra, traça vias bifurcantes, arquiteta uma teia bem mais complexa do que os bancos de dados. Esse dispositivo tornou-se um marco na história das tecnologias da inteligência, particularmente, do hipertexto. (LÉVY, 1990)

O termo *hipertexto* surge na década de sessenta, pelo pesquisador Theodor Holm Nelson, com seu projeto Xanadu, para expressar a ideia de escrita/leitura não linear num sistema informático, numa perspectiva de uma imensa rede em tempo real que conteria todas as informações textuais, sonoras e imagéticas da sociedade e conectaría milhões de pessoas com as obras literárias e científicas, além de possibilitar interagir, escrever. O hipertexto, para Theodor, era um sistema informático que refletia o modo de pensar, ou seja, não linear. (LÉVY, 1990).

O hipertexto digital possibilita vários caminhos de acesso e formas de orientação seja por diagramas, redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos que favorecem, segundo Lévy (1990, p.33), “um domínio mais rápido e fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso tradicional”. Para ele, o ser humano comprehende melhor o que estiver organizado espacialmente, como em representações esquemáticas.

O hipertexto, de acordo com Lévy (1990), é uma tecnologia intelectual desestabilizadora, que afeta as formas de produção de conhecimento e compreensão textual, pois rompe a estrutura convencional, uma vez que esse “novo espaço” não é mais linear nem segue um caminho pré-definido, sendo construído e reconstruído por várias outras trilhas. É totalmente aberto, com diversas ramificações e conexões em tempo real, transformando-se num labirinto de infinitas janelas abertas na perspectiva da ampliação do conhecimento, a partir de uma conexão que gera uma ligação para o leitor.

Lemos (2004, p.70), em concordância com Lévy (1999), diz que “[...] com os hipertextos, a liberdade de navegação do usuário desestabiliza distinções clássicas entre leitor e autor”, descentralizando o polo de emissão e possibilitando dessa maneira o diálogo

todos *versus* todos. Para Lévy (1999, p.163), “cada reserva de memória, cada grupo, cada indivíduo, cada objeto pode torna-se emissor”.

O hipertexto constitui-se numa rede de significados para além da linearidade do texto na qual o homem está implicado. Daí a importância de compreender o funcionamento dessa rede como metáfora inspiradora de um novo pensamento, especialmente no que se refere à construção coletiva do conhecimento, ou seja, o hipertexto. Este se apresenta como um modo de apreensão do mundo, de pensar não linear, não hierárquico, labiríntico, associativo e imaginativo. Nesse sentido, Lévy (1990, p. 93) diz que

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, porque na medida em que relaciona palavras, frases cujas significações se respondem e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso, um texto sempre já um hipertexto, uma rede de associações.

É uma forma de escrita e leitura não linear ligado a palavras, partes de um texto, imagens, semelhante como o cérebro humano processa o conhecimento. Uma palavra ativada pode nos remeter logo a uma rede de outras palavras, de imagens, sons, odores, de sensações, de afetos.

O hipertexto ganhou uma nova dimensão comunicacional, a partir de criação de interfaces de interação amigável, tais como o *mouse* e o menu, pois, com apenas um clique, pode passar de uma informação a outra, de uma mensagem a outra, em tempo real. Essas interfaces de interação na EaD possibilitaram, em tempo real, o acesso a um número ilimitado de outros textos e a partilha de conhecimentos e informações entre pessoas de diferentes grupos, e sujeitos da aprendizagem, isto é, a construção coletiva de um hipertexto. De acordo com Lévy (1993, p. 24), isto significa dizer que “cada um em sua escala, os atores da comunicação ou os elementos de uma mensagem constroem e remodelam universos de sentido”. Isso é possível devido ao suporte digital do hipertexto que apresenta os seguintes princípios (LÉVY, 1993, p. 25-26):

Princípio de metamorfose: a rede hipertextual encontra-se em constante construção e renegociação. Sua extensão, composição e desenho estão sempre em mutação, conforme o trabalho dos atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, sons, imagens, etc.

Princípio de heterogeneidade: os nós de uma rede hipertextual são heterogêneos; podem ser compostos de imagens, sons, palavras, etc. E o processo sociotécnico

colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre eles.

Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: o hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando acessado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede de nós e conexões, e assim, indefinidamente.

Princípio de exterioridade: a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e diminuição, composição e recomposição dependem de um exterior indeterminado, como adição de novos elementos, conexões com outras redes, etc.

Princípio de topologia: no hipertexto, tudo funciona por proximidade e vizinhança. O curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.

Princípio de mobilidade dos centros: a rede possui não um, mas diversos centros, que são perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, rizomas, perfazendo mapas e desenhando adiante outras paisagens.

Vários autores consideram o hipertexto como um novo espaço cognitivo que exige outras formas de pensar e produzir conhecimento. Lévy (1990, p. 10) assinala que “as bases do funcionamento social e das atividades cognitivas modificam-se a uma velocidade perceptível diretamente por cada um de nós”. Para ele, o hipertexto é como uma interface intelectual coletiva de expressiva importância, pois contribui para estruturar os espaços cognitivos dos indivíduos, dos coletivos, de um ambiente educacional mediado por computador. “O pensamento se dá em uma rede na qual, neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações” (LÉVY, 1993, p.135).

A aprendizagem mediante o hipertexto tem muitos desafios porque os novos dispositivos de leitura e escrita digitais alteram as condições de recepção, de interagir e de compreender o texto, devido, principalmente, aos seus elementos de não linearidade e à maior inter-relação entre textos, possibilitando aberturas de múltiplas janelas geradoras de novos conhecimentos.

Assim, o hipertexto assume a condição de agente questionador, em potencial, dos processos de construção de conhecimentos e dos modelos de ensino e aprendizagem, e pode

servir a uma pedagogia ativa, fundada na comunicação e na construção de conhecimentos de modo cooperativo, colaborativo.

Nessa leitura, assim como durante o percurso do curso, você experimentará a dinâmica hipertextual e interativa superando a pedagogia de transmissão.



Sabendo um pouco mais

Acesse estes links sobre Hipertexto de Pierry Lévy

Tecnologias Intelectuais e Modos de Conhecer: Nós Somos o Texto

<http://caosmose.net/pierrelevy/nossomos.html>

Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente Parte 1

<https://www.youtube.com/watch?v=ZLwguyi0Rxw>

Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente Parte 2

<https://www.youtube.com/watch?v=oCwWL9jIRkc>

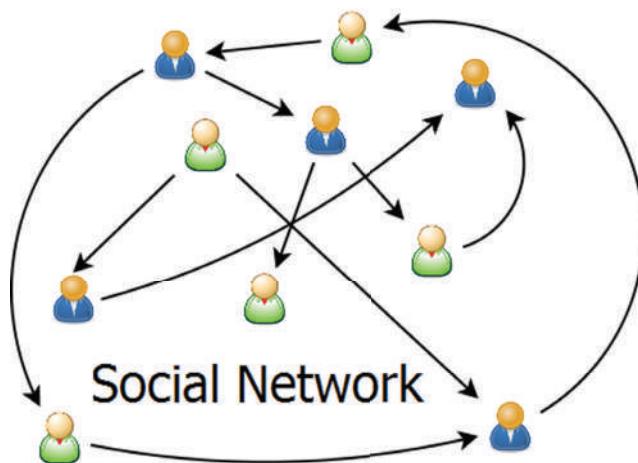
Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente Parte 3

<https://www.youtube.com/watch?v=ZLwguyi0Rxw>

Do hipertexto opaco ao hipertexto transparente Parte 4

<https://www.youtube.com/watch?v=I9BUaMGKUuU>

Aprendizagem Cooperativa e Colaborativa na EaD on-line



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/dc/Social_Network.png

Os termos cooperação e colaboração aqui neste curso serão tomados com base nas concepções de Vygotsky e na pedagogia da autonomia de Paulo Freire, onde a palavra cooperação requer relações dialógicas de trocas entre os sujeitos, acrescentando, desta maneira, novos saberes. O trabalho em equipe pode servir como uma das estratégias potencializadoras para os estudantes, pois o confronto de ideias pode desencadear outros fluxos de pensamentos, estimulando a criação. Isso faz com que os sujeitos se impliquem na construção de forma autônoma, transformando-se a partir das interações.

A cooperação na EaD, nessa perspectiva, pode ser considerada como potencializadora de atos criativos. Contudo esse potencial somente acontecerá a depender do modo como são exploradas pelos professores as características fundamentais de aprendizagem nos ambientes virtuais: autonomia, criatividade, criticidade, cooperação e colaboração.

Já o termo *colaboração* tomará como referência a cibercultura, pois o ciberespaço possibilita disponibilizar ambientes de produção colaborativa de forma mais rápida, e a troca e o acesso a conteúdos em diversos formatos.

Com as TDIC, ampliam-se os procedimentos metodológicos na perspectiva da construção coletiva do conhecimento, seja de forma síncrona ou assíncrona. Sendo assim, a interação é condição fundamental para se pensar a educação a distância, pois é ela que produz a comunicação, a troca de experiências, de descobertas e as inúmeras possibilidades de um trabalho colaborativo.

Vygotsky (2009) declara que o sujeito evolui com o outro construindo conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio. As trocas de saberes e o compartilhamento de ideias são elementos que podem favorecer avanços na construção do conhecimento. Pesquisas apontam que alunos que interagem e trabalham cooperativamente e colaborativamente são capazes de construir conhecimentos de maneira mais significativa. De acordo com Maturana (2009, p. 64):

“Quando estamos em interações recorrentes na convivência, mudamos de maneira congruente com nossa congruência, com o meio, e num sentido estrito nada é obra do acaso, porque tudo nos ocorre num presente interconectado que se vai gerando continuamente uma transformação do espaço de congruências a que pertencemos.”

Compreende-se, então, que a dinâmica das interações entre os sujeitos e com o meio provocam transformações mútuas, uma vez que a mudança de um influencia o outro. Com isto, queremos salientar que a interação que acontece em uma sala ambiente de aprendizagem *on-line* já traz imbricado um pensamento de unificação afetivo e cognitivo como um novo modelo de prática educativa em rede.

Na sociedade atual, exige-se do professor e do(a) estudante novas atitudes, novos modos de comunicação e de pensamento em consonância com o tempo histórico que estamos vivendo. As salas ambientes de aprendizagem *on-line* podem ser entendidas como espaços plenos de significação, onde interações relacionais são estabelecidas, propiciando acontecimentos colaborativos, cooperativos, solidários que favorecem a construção de vínculos afetivos. Essa convivência pode contribuir com a construção do sentimento de pertencimento e potencializar a autonomia do(a) educando(a) no seu processo de aprendizagem e emancipação, estimulando-o(a) a ser construtor(a) do seu conhecimento.

Sala Ambiente de Aprendizagem *On-line*: Um Lugar de Afetividade?

Embora reconheça o peso histórico do pensamento disjuntivo – razão *versus* emoção –, ainda presente no fazer pedagógico, partimos do princípio de que o ser humano não pode continuar a ser pensado conforme a antiga dualidade cartesiana. É importante compreender as relações entre os sujeitos, seja em sala ambiente de aprendizagem *on-line* ou tradicional, na perspectiva da junção dos aspectos cognitivos e afetivos essenciais para o desenvolvimento humano.

Em Maturana (2009), afetividade é constitutivo do processo do viver. Para Fritjof (2005, p. 50) “[...] com essa nova concepção, cognição abrange todo o processo da vida, que inclui percepção, emoções e o comportamento”. Assim, afetividade e cognição são inseparáveis e estão intimamente ligadas no processo de desenvolvimento pleno do sujeito. De acordo com Maturana (2009, p. 29)

“O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência”.

Nessa perspectiva, entende-se que o ensino-aprendizagem *on-line*, fundado na interação, cooperação e colaboração, potencializa a manifestação da afetividade, atuando como um organismo vivo, criando redes relacionais e de processos de produção, em que cada um participa da produção e da transformação de outros integrantes da rede.



Reflexão

Você considera importante as relações educativas pautadas na afetividade? por quê? Como as emoções, as afetividades são reveladas na sala ambiente on-line de aprendizagem?

Convido você a conhecemos junt@s os caminhos do afeto na aprendizagem

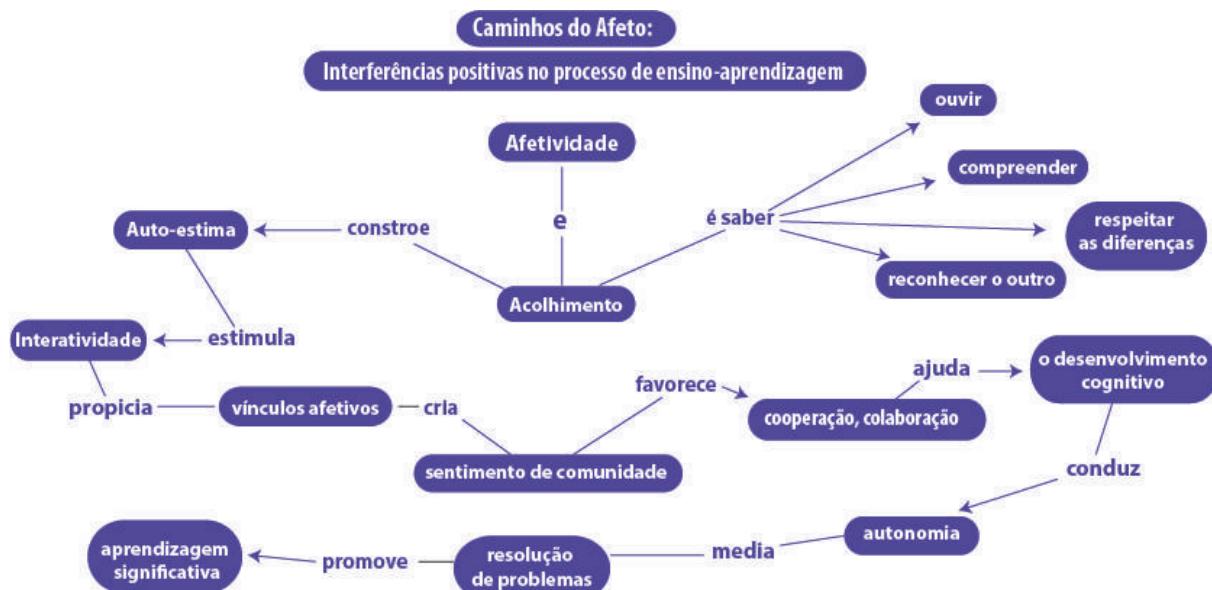


Figura 2: Caminhos do Afeto: Interferências positivas no processo ensino-aprendizagem (ROCHA, 2011, p. 26)

A *Wikipédia* define a afetividade como

“[...] o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos [...]. Em psicologia, o termo afetividade é utilizado para designar a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem por constituinte fundamental um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis”.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Afetividade>)

A teoria sociointeracionista de Vygotsky considera que a emoção funciona como fomentadora da ação, promovendo nas relações com os outros um processo contínuo de (re)elaboração, (re)criação e (re)construção de conceitos e significados, permitindo o desenvolvimento mental dos sujeitos. Outro escritor, o educador Alves, em 2002, já defendia a ideia de que

[...] toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto⁵. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. [...] É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (ALVES, 2002)

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>>

O caráter linear de transmissão de conhecimento, de modo hierarquizado da organização do ensino, é refletido nos componentes curriculares onde o professor é o provedor de informações e o(a) estudante, receptor(a) passivo(a). Esse contexto revela a visão mecanicista de Descartes, que fragmenta o ser em duas partes – corpo e mente – sem estabelecer conexões mais amplas entre elas, dificultando o desenvolvimento dos processos subjetivos que emergem das emoções e das relações afetivas nas práticas educativas. (SILVA, 2010)

Ornellas (2006, p. 7) defende que “[...] as representações sociais não são saberes articulados apenas ao cognitivo, mas que se tecem, de forma dinâmica, em um processo histórico, que envolve tanto racionalidade, quanto afetividade e emotividade”. A afetividade, então, pode ser considerada como um dos elementos essenciais do desenvolvimento intelectivo, interligada às interações interpessoais e ao mundo social e cultural dos sujeitos.

5 Afeto, do latim “affetare”, quer dizer “ir atrás.” (ALVES, 2002)

Fritjof já apontava, em 2005, que estava surgindo uma nova compreensão a respeito do processo sistêmico da vida:

[...] está surgindo agora uma concepção unificada da vida, da mente e da consciência, uma concepção na qual a consciência humana encontra-se inextricavelmente ligada ao mundo social da cultura e dos relacionamentos interpessoais [...]. O avanço decisivo da concepção sistêmica da vida foi o de ter abandonado a visão cartesiana da mente como uma coisa e de ter percebido que a mente e a consciência não são coisa, mas processos. (FRITJOF, 2005, p.48-49).

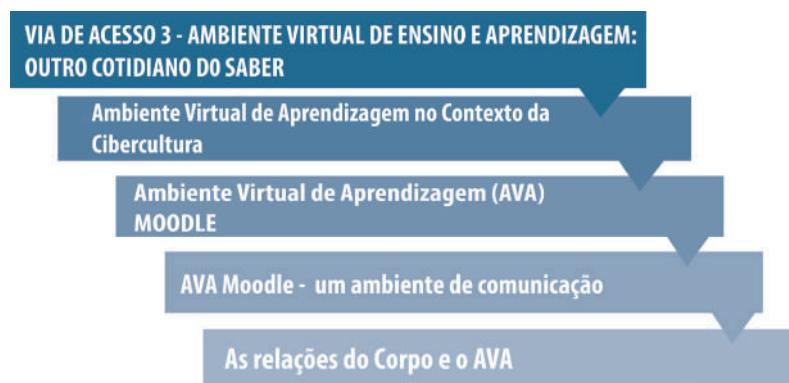
Os sentimentos e emoções são manifestações diretas de estados corporais, constituindo-se em uma ligação estreita entre o corpo e a consciência. Na concepção de Damásio (2005, p. 8), “[...] a emoção transmite informações cognitivas, diretamente e por intermédio dos sentimentos”. Para o autor, a emoção e o sentimento são manifestações indispensáveis para a racionalidade, pois

[...] mesmo depois de as estratégias de raciocínio se estabelecerem durante os anos de maturação, a atualização efetiva das suas potencialidades depende provavelmente, em larga medida, de um exercício continuado da capacidade para sentir emoções. (DAMÁSIO, 2005, p.11)

Assim, uma proposta pedagógica pautada em uma relação dialógica possibilita a expressão do aluno no seu sentido pleno, isto é, emocional-sócio-cultural que compõe o seu viver, qualificando a relação sócio afetiva entre educador, educando, aprendizagem e o meio.

Esse curso propõe estratégias pedagógicas na direção da superação da dicotomia mente e corpo impresso no modelo tradicional da educação, e convida você, caro(a) estudante, a ser agente ativo do processo de sua formação acadêmica conectado com o seu contexto histórico, político, sócio e cultural.

VIA DE ACESSO 3 - AMBIENTE VIRTUAL DE ENSINO E APRENDIZAGEM: OUTRO COTIDIANO DO SABER



Com a *internet*, configurou-se uma nova Geografia, sendo o ciberespaço um novo espaço territorial, povoado por várias redes comunicacionais e sociais que se apropriam desse novo território, inventam linguagens, culturas, formas de comunicar-se e modos de vida. Assim, constrói-se um mundo próprio, alternativo, intenso, de conversações e de estar com o outro, impulsionando o fazer cotidiano no ciberespaço, tensionando a concepção de tempo, espaço e lugar, diferente da que conhecemos.

Esse novo espaço situa-se numa ambiência aberta, ampla e heterogênea que, em apenas um *click*, interliga de forma veloz um universo de informações, pessoas e diversos grupos culturais, políticos, incluindo vozes que refletem a diversidade de uma sociedade, uma comunidade, sendo um potencial agregador social. Suas múltiplas conexões têm se revelado como uma força potente da cultura contemporânea, da qual nada é excluído, mas construído e reconstruído.

A cibercultura, face mais evidente dessa resistência, revela um movimento por dentro do próprio sistema para fugir da sua dominação a partir do “livre” acesso e da participação em diversos espaços, nos quais vozes, antes sufocadas, se encontram, produzem cultura, conhecimentos, saberes, fomentam a criatividade e a autoria numa dimensão surpreendente que se alastra pelo ciberespaço.

Essa apropriação do ciberespaço resgata o pensamento de Michel Certau (1994) a respeito da legitimidade da força das pequenas práticas do cotidiano como um modo criado de enfrentamento do mundo e de astúcia da linguagem. Aqui entendemos que esteja em questão a invenção do cotidiano defendida pelo autor, para quem as pessoas comuns encontram suas próprias redes, suas próprias trilhas de desvio do caminho imposto pela sociedade de consumo.

Nessa perspectiva, a educação ocupou, como seu outro território de cotidiano do saber, o Ambiente Virtual de Aprendizagem. Nesse, os(as) estudantes são estimulados(as) a aprender e construir conhecimentos em/na rede, o que favorece a autonomia e o processo de uma aprendizagem significativa. É na potencialidade dessas múltiplas formas de interação e comunicação propiciadas pelos ambientes virtuais que reside a principal diferença da prática educativa em rede.

De acordo com Elmara Souza (2013, p. 241), a ocupação desses novos espaços virtuais de saber modifica a competência do fazer docente da modalidade presencial, pois os espaços virtuais podem constituir-se em múltiplas possibilidades de criação, de autoria, estando abertos a novas aprendizagens de acordo com o ritmo próprio de cada pessoa, diferenciando-se do que é produzido nos espaços presenciais.

Em sintonia com essa visão e com uma sociedade conectada, a formação dos(as) estudantes está apoiada em um ambiente essencialmente interativo, comunicativo e colaborativo. Ambiente esse, entendido como um espaço que estabelece relações entre os interagentes que participam do grande encontro de ensinar e aprender, fundamental para uma educação inclusiva, afetiva e emancipatória. Não é apenas entre homem/máquina, pois isso significaria reduzir uma concepção mais ampla de interação. (PRIMO 2007, p. 56)



Fonte: CRYPTOID – Representação abstrata de ciberespaço

CONCEITO de “ciberespaço”, termo inventado por Gibson (1984, apud LEMOS, 2004, p. 127), é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).



Sabendo um pouco mais

Acesse o link sobre “A Emergência do Cyberspace e as Mutações Culturais”, de Pierre Lévy <http://www.caosmose.net/pierrelevy/aemergen.html>

Ambiente Virtual de Aprendizagem no Contexto da Cibercultura



Fonte: conexaoeducibercultura.blogspot.com

A cibercultura é uma cultura contemporânea e essa cultura está diretamente ligada às tecnologias digitais.

Conceito de cibercultura: “Conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17)

Lemos (2004) destaca que os recursos disponibilizados por essas tecnologias vêm proporcionando uma “nova relação entre a técnica e a vida social” (p. 15). Dessa forma, é preciso pensar nas diversas práticas de comunicação e de produção que vem acontecendo na cibercultura.

A educação em rede virtual de aprendizagem potencialmente tem a marca da comunicação, porém, além disso, propicia a criação de novas narrativas, novas maneiras de aprender e ensinar, novos hábitos e valores, e um novo fazer cotidiano cultural e de saberes.

Ainda de acordo com o autor, a cibercultura vem fomentando outras possibilidades de comunicação e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço, e assinala a proliferação de produção de vídeos, fotos, músicas, blogs, além de criação de fóruns e comunidades, e no caso específico da educação, os ambientes virtuais de aprendizagem.

Desde o ano de 2004 que Lemos já caracterizava a cibercultura em três princípios fundamentais:

1º princípio - liberação de emissão - ou seja, a possibilidade de não apenas ler, mas também de produzir conteúdo coletivo e em rede;

2º princípio - a conexão generalizada e aberta possibilitando agregação de pessoas com pensamentos comuns;

3º princípio - a reconfiguração, entendida por ele como ambiente comunicacional mais rico, pois o (a) estudante pode buscar a informação aberta, sem controle e isso potencia a conversação.

A tríade liberação de emissão-conexão-reconfiguração desencadeou um processo de transformações culturais, sociais. Vivenciamos novas formas de relações, de utilização e acesso aos meios de comunicação, novas formas de ensino-aprendizado mediadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), uma explosão de informações e implicações desse novo paradigma na educação.

Um dos resultados mais imediatos da explosão de informações é que parte da informação gerada se torna obsoleta com rapidez, criando a necessidade de frequente atualização: “Metade daquilo que foi aprendido pelo aluno de engenharia, por exemplo, fia desatualizado 18 meses após a conclusão do curso.” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p.313). Com tanta necessidade de atualização, vem à tona a importância da construção autônoma e ao mesmo tempo colaborativa do conhecimento e, para tanto, a capacidade de desenvolver uma comunicação educativa dialógica efetiva.



Sabendo um pouco mais

Assista o debate com o educador André Lemos sobre “Cibercultura” <https://www.youtube.com/watch?v=hCFXsKeIs0w>

O Ambiente Virtual de Aprendizagem nasce nesse contexto da cibercultura constituindo-se num recurso utilizado na educação mediada pelas TDIC. Em geral, compreende-se como um ambiente acessível através da *internet* ou em rede local de apoio ao processo de ensino-aprendizagem à distância ou presencial.

Dentre várias definições de ambientes virtuais de aprendizagem existentes na literatura, destacamos a concepção da educadora Edméa Santos (2003) que segue na direção do potencial da virtualização que caracteriza este ambiente uma vez que os processos de virtualização e atualização são continuamente estimulados e potencializados nos espaços virtuais de aprendizagem. Esses não podem ser vistos meramente como instrumentos técnicos, apenas uma “*plataforma de ensino*” ou “*ambiente computacional*”. São ambientes comunicacionais potencialmente capazes de gerar modificações mútuas entre os interagentes durante o processo de ensino aprendizagem.

O ensino aprendizagem em rede virtual potencialmente tem a marca da comunicação e propicia a criação de novas narrativas, novas maneiras de aprender e ensinar, novos hábitos e valores, e um novo fazer cotidiano cultural e de saberes.

O que é Virtual?

*Virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, que significa força, potência.*

Embora na sociedade o termo *virtual* seja associado ao irreal, a uma ilusão; filosoficamente, traz o sentido de potência, de força, e pode ser entendido como um processo problematizador que requer uma solução, uma redefinição; é um estado potencial de criação que se atualiza a cada nova interpretação e percepção de um mesmo acontecimento (LÉVY, 1996, p. 15-17).

Com o desenvolvimento das tecnologias digitais em rede, os termos *virtual* e *virtualidade* tornaram-se constantes no cotidiano das pessoas. Para Lévy (1996), a digitalização constitui-se de vários vetores de virtualidade, como: a imaginação, a memória, entre outros. Pode-se entender que o virtual é o questionamento; a virtualização é o estado da imaginação no qual se processa a criação da realidade, ou seja, a invenção da solução; e a atualização é a solução do problema, transformando a atualidade inicial. Daí pode-se inferir que o real é um processo sucessivo de virtualizações e atualizações e que, portanto, o virtual não se opõe ao real, atualiza-o. (LÉVY, 1996)

Percebe-se claramente a potência desse processo de virtualizações e atualizações no processo de ensino e aprendizagem, seja em rede ou presencial, uma vez que nesses lugares um mesmo acontecimento é vivenciado de formas distintas, pois neles estão presentes

diferentes contextos sociais, históricos, culturais, propiciando ao sujeito, nesse processo dialógico, contínuo, de construção e reconstrução, atualizar-se, isto é, alterar sua realidade inicial.

Edméa Santos (2005, p. 91) define o AVA como um “espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando assim a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem”, compreendendo-o como ambiente de comunicação que se caracteriza principalmente pela combinação de vários modos e gêneros semióticos bastante ricos que favorecem a construção de sentido, produzindo uma aprendizagem significativa em rede.



Sabendo um pouco mais

Além do *Moodle*, existem vários ambientes de sistemas de gerenciamento de aprendizagem, tais como:

Aulanet – desenvolvido pela PUC-RIO

Blackboard – um *software* proprietário, desenvolvido pela Blackboard Inc, um provedor de *softwares* e serviços para a educação *on-line*. O Blackboard possui funcionalidades de instrução e comunicação e é bastante utilizado por instituições de ensino privadas no Brasil

e-PROINFO – ambiente virtual desenvolvido e utilizado pelo MEC

Moodle – O *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle)*, é um *software* livre adotado pela UFBA que é o ambiente de aprendizagem utilizado neste curso.

ROODA – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sakai – um projeto mais recente onde uma comunidade mundial de educadores buscadeseenvolver *softwares* educacionais livres

TELEDUC – desenvolvido por um grupo de pesquisa da UNICAMP. É uma plataforma para criação, participação e administração de cursos na *Web*.

Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) MOODLE



Fonte: Moodle community site

O *Moodle* é um *Learning Management Systems* – LMS – ou Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA), concebido em 1999 pelo educador e cientista computacional australiano, Martin Dougiamas, apoiando-se nos princípios do construtivismo social. Essa concepção se inscreve no AVA *Moodle*, aumentando a potência de vários aspectos pedagógicos, pois possibilita ao professor planejar suas atividades no sentido de estimular a produção de conversas, envolvendo seus alunos a tecer redes de sentidos, de colaboração, cooperação e (co)autoria. O *Moodle* pode ser potencializado pedagogicamente para além de repositórios de textos escritos ou imagéticos, no sentido de promover a interatividade, a cooperação, colaboração e autonomia.

AVA Moodle - um ambiente de comunicação

O AVA *Moodle* é um ambiente de comunicação que se caracteriza por suas interfaces interativas e colaborativas que possibilitam a você aprender não apenas com o material didático, mas com todos os envolvidos no processo, em conjunção com os diferentes acontecimentos, contextos sociais, históricos, culturais e afetivos presentes nesse lugar, potencializando a produção de sentido. Milton Santos já defendia, em 1999, que:

Se o mundo é constituído de eventos e não de coisas, e o evento não existe sem ator, significa pensar que o mundo é o mundo dos acontecimentos, dos eventos. É à imbricação de todos os eventos que se dá o nome de mundo. O que dá universalidade aos eventos não é apenas o seu acontecer, mas a forma com que são produzidos, significados. (SANTOS, 1999, p.103)

Em potência, o ambiente *Moodle* é um lugar dialógico, que abraça a diversidade de vozes sociais envolvidas no processo de aprendizagem, onde não cabe o apagamento de vozes divergentes, pois cada uma dessas expressa um conteúdo vivencial, gerando um movimento dialógico, vivo e dinâmico, que propicia a autoria cooperativa e colaborativa do conhecimento.

As Relações do Corpo e o AVA



O AVA configura as relações do corpo e da ferramenta, um corpo com uma história de experiência de processos afetivos e sociais anteriores, que ampliam as possibilidades de agir de cada sujeito. Essa configuração provoca modificações mútuas entre os interagentes em todos os aspectos, seja afetivos, corporal, espacial, temporal, dos modos de viver, de educar ou de aprender. (KRESS, 2009)

Fonte: paixaobibliotecavirtual.blogspot.com

De acordo com Chaves (2002, p. 88-89):

“O corpo recebe informações de dentro e de fora e pode ser modificado. E o seu movimento pertence a esse corpo, contaminado no eixo do tempo, que o caracteriza e o expande, através do seu movimento no espaço, modificando seus estados corporais”.

Entendendo o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) nessa perspectiva, percebe-se que o seu *design* educacional é mais que um projeto gráfico, é um conjunto complexo de processos sociais e afetivos, que conecta pessoas sem nenhum obstáculo físico.

Santaella (2013, p.18-19) afirma que

[...] a ecologia midiática hipermóvel e ubíqua afeta, sobretudo, a cognição humana. Ao afetar a cognição, produz repercuções cruciais na educação. Novas maneiras de processar a cultura estão intimamente conectadas a novos hábitos mentais que, segundo o pragmatismo, desaguam em novos modos de agir.

Essa nova dinâmica educacional que acontece no ciberespaço propicia a criação de outras formas de ensino-aprendizagem, em consonância com o mundo conectado em rede, na construção de conhecimentos em “tempo real”. Cabe destacar, porém, que as tecnologias não determinam nada, mas podem potencializar uma educação transformadora se fundada em mediações dialógicas que potenciem o ser social.

Isso significa superar o paradigma de uma educação estática, tanto no que diz respeito ao tempo e espaço pré-determinados quanto na concepção pedagógica de centralidade do professor, ainda muito marcada no espaço de saber tradicional, como apontam os estudiosos dessa área, Lévy (1990), Silva (2010) e Santaella (2013).

Contudo, diante das profundas mudanças na sociedade e na educação provocadas pelas TDIC, os papéis do professor e do(a) estudante vêm assumindo outras configurações, exigindo novas atitudes, outras práticas educativas. Por um lado, o(a) estudante passa a ser um agente ativo(a), responsável por sua aprendizagem, ou seja, a sua tarefa é pesquisar, contextualizar, descobrir, cooperar, colaborar. Por outro, ao professor cabe o papel de mediador que potencializa a capacidade criativa, crítica e reflexiva dos alunos, estimulando uma aprendizagem cooperativa, colaborativa a partir das diversas interfaces síncronas e assíncronas disponibilizadas no ambiente virtual.

O nosso curso se realiza por meio de várias interfaces disponibilizadas no AVA *Moodle* como: fórum, *chat*, *wiki*, glossário, entre outras. Essas interfaces podem gerar diálogos que favorecem integração, sentimento de pertença, trocas, discussões temáticas, elaboração, colaboração, exploração e descoberta. Desse modo, o modelo instrucionista de ensino, marcado pelo binômio transmissão/reprodução, dá lugar à perspectiva de um

modelo de educação cooperativo e colaborativo. Portanto, educar significa propor desafios, um convite à exploração, à descoberta.

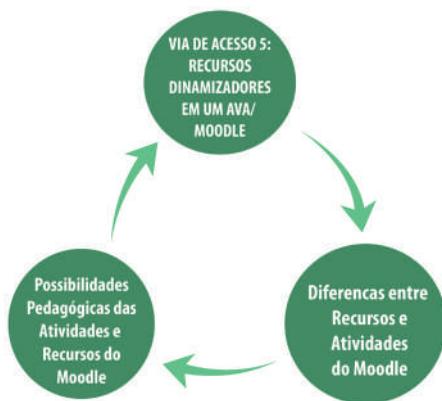


Sabendo um pouco mais

- O *Moodle* é o ambiente virtual de aprendizagem adotado pela UFBA e pode ser acessado através do endereço: www.moodle.ufba.br. É gerenciado pelo Núcleo de EaD da Superintendência de Tecnologia da Informação (antigo CPD da UFBA). É utilizado pela grande maioria das unidades da instituição para o desenvolvimento de cursos a distância e, principalmente, como ambiente de apoio a disciplinas presenciais.
- A comunidade internacional do *Moodle* pode ser acessada em <http://www.moodle.org>. Lá são encontradas orientações desde a instalação até fóruns de discussão sobre a utilização dos diversos recursos e também é aberto para contribuições por todos os usuários.

VIA DE ACESSO 4 - RECURSOS DINAMIZADORES EM UM AVA/MOODLE

Os autores envolvidos no campo educacional, entre eles Silva (2010), entendem que a comunicação e a interação são aspectos centrais para garantir a qualidade da EaD. O referido autor afirma que



“Uma sala de aula *online* não é apenas o conjunto de ferramentas infotécnicas mas também um ambiente que se auto-organiza nas relações estabelecidas pelos sujeitos com os objetos que interagem e afetam-se mutuamente ao longo do processo de construção do conhecimento”. (SILVA, 2010, p. 219).

Nessa perspectiva, o desenho educacional do nosso curso baseia-se em uma pedagogia hipertextual, interacionista, cooperativa e colaborativa de modo a propiciar uma proximidade entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, visando à autonomia do(a) estudante no processo de construção do conhecimento.

O *Moodle* possui recursos que permitem inclusão de conteúdo e atividades de comunicação que propiciam a interação síncrona entre os interagentes de qualquer região,

conectados em tempo real; e assíncrona, conectados em tempos diferentes por meio de dispositivos disponibilizados no AVA.

Destacamos a importância do *feedback* emitido pelos professores/tutores referente às atividades desenvolvidas por vocês. Entendido como um ato comunicativo e formativo, servirá para refletir os aspectos positivos e os que precisam ser potencializados na trajetória de aprendizagem e, se necessário, construir e reconstruir, em um ciclo virtuoso de aprendizagem.

Diferenças entre Atividades e Recursos do Moodle

Atividade é tudo que o professor cria e que requer resposta do aluno. Já os Recursos não requisitam, necessariamente, uma resposta. São funcionalidades do ambiente que o professor propicia ao aluno, tipo *links* a um arquivo ou *site*, arquivos em diversos formatos, entre outros.

Veja no quadro a seguir a síntese das possibilidades pedagógicas das atividades e recursos do *Moodle*, pois muitos desses serão utilizados em todo processo do curso.

Possibilidades Pedagógicas das Atividades e Recursos do Moodle

Atividades-Recursos	Possibilidades Pedagógicas
Fórum	Fórum é uma interface de comunicação assíncrona que possibilita a interação do aluno com os demais colegas e com o professor em qualquer momento. No fórum temático, o aluno é convidado a interagir com o conteúdo do curso por meio de provocações feitas pelo professor ou colega, o que favorece a reflexão do conteúdo de estudos, estimulando a participação ativa dos alunos, a construção coletiva do conhecimento.
Chat	Chat é uma interface de comunicação síncrona que promove aproximação em “tempo real” entre professor e alunos. É utilizada para integração, esclarecimentos de dúvidas.
Tarefa	Tarefa permite aos alunos desenvolverem trabalho individual ou em grupo, tanto on-line quanto off-line
Glossário	Glossário é uma interface assíncrona que, dependendo da criatividade e objetivos da atividade, tem várias possibilidades de uso, como: criação de conceitos dos termos específicos da disciplina, portfólio etc., de forma colaborativa ou individual.

Questionário	Questionário – atividade assíncrona que consiste em um instrumento de composição de diversos tipos de questões, tais como: múltipla escolha, resposta breve, associativo e verdadeiro ou falso.
WIK	Wiki é uma interface assíncrona para trabalho em grupo, em que se desenvolve um texto on-line colaborativo
Diário	É um lugar que pode promover a reflexão do aluno e orientação por um mediador. É o espaço onde o aluno pode registrar determinado assunto, tema de trabalho, o seu trajeto no curso, ou os atalhos que encontrou no percurso da sua caminhada de aprendizagens de acordo com as orientações do professor. Essa reflexão não pode ser vista por outros alunos e o professor pode dar um feedback para o aluno.
Base de Dados	Base de Dados (BD) é uma atividade para o desenvolvimento colaborativo de um banco com informações dentro de um curso que permite aos participantes criar, manter e pesquisar em um banco de entradas de registros. Essa atividade pode ser alimentada por professores e/ou alunos de acordo com o curso.
Recursos	Recursos Moodle permitem incluir conteúdos num curso por meio de livro, página, arquivos em vários formatos, como imagens, vídeos, PDFs, planilhas, slides, links, hipertextos, intratextos. Além disso, possibilitam disponibilizar arquivos em pastas para que os(as) estudantes tenham acesso.

VIA DE ACESSO 5 - ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO DE ESTUDOS NA EaD

Muitos de vocês não estão acostumados a fazer um curso a distância, por isso é importante algumas orientações de como organizar os estudos, para aproveitar melhor o tempo e o espaço nesta modalidade de educação.

Nessas primeiras semanas do curso, nosso objetivo é que você compreenda o processo de estudar e aprender na EaD, a inserção das tecnologias da informação e comunicação na educação, os conceitos de autonomia, cooperação, colaboração e afetividade, do hiper-texto, e entenda as funcionalidades, recursos e atividades existentes no ambiente virtual de aprendizagem *Moodle que serão utilizados por você durante o processo do curso.*

Orientações de como organizar os estudos para aproveitar melhor o tempo e o espaço nesta modalidade de educação

- **Organize e defina um horário para entrar no AVA Moodle só para cuidar do curso (1 hora por dia está ótimo).**
- **Prepare o ambiente e material de estudos necessários à sua concentração.**
- **Crie um diretório (pasta) no computador que você usa e arquive todo seu material do curso.**
- **Elabore um plano individual de estudos para ajudá-lo(a) a estar em dia com o curso.**
- **Anote as atividades que deverão ser realizadas e os seus respectivos prazos de envio.**

- **Leia o manual do aluno, primeiros passos para conhecer seu ambiente de aprendizagem** Moodle, o plano de aprendizagem, e o *e-book* de cada disciplina disponibilizados no AVA, além dos materiais propostos pelos professores e tutores.
- **Sistematize os conceitos estudados ao final de cada unidade da disciplina. Essa é a melhor forma de aprender.**
- **Nunca fique com dúvidas.** Se alguma dúvida surgir durante os estudos, procure logo os professores ou tutores para orientá-lo.
- **Evite entregar trabalhos de última hora.** Vários imprevistos podem acontecer e impedir que você conclua determinada tarefa quando depende de *internet*. Por isso, evite concluir trabalhos de última hora.
- **Busque informações adicionais.** Para ampliar seus conhecimentos, pesquise outras fontes sobre o assunto, além do material do curso disponibilizado no AVA.

O que pode facilitar e orientar os estudos é montar um cronograma de leituras e acesso ao *Moodle*, dividir por prioridades as atividades e criar o hábito de estudar em horários fixos. Este será um ótimo meio para visualizar melhor os prazos de cada atividade que o aluno tem em cada semana de aula. Vale lembrar também que cronogramas são ferramentas que devem ser refeitas ou modificadas toda semana, a fim de atender as necessidades atuais do(a) estudante.

Agora que você já fez este primeiro movimento em direção a cada via de acesso ao conhecimento com atenção e criticidade, provavelmente já deve estar se sentindo mais instigado a partilhar as descobertas, as dúvidas, de tudo que foi observado, compreendido, percebido, em cada dessas vias de acesso, não é mesmo? Que tal um segundo movimento, o de complementariedade dessas vias de conhecimento – a realização das atividades –, para contribuir com a composição coletiva e ampliar as cenas de aprendizagem?

Construir um plano de estudos com eficiência é fundamental para que você realize a gestão do tempo. Mesmo que um curso a distância ofereça flexibilidade, é interessante ter horários definidos no dia ou na semana para estudar. Portanto, listar todas as atividades diárias e reservar horários para cada uma delas, permite que o (a) estudante visualize com mais facilidade os períodos livres para acompanhar as atividades.

Na hora de executar o seu plano de estudos, tenha em mente que qualidade vale mais do que quantidade. Para estudar com qualidade, busque manter concentração total no decorrer dessa tarefa.

Vamos lá!

REFERÊNCIAS

ALONSO, K. M.; ROCHA, S. A. (Org.). *Políticas públicas, tecnologias e docência*. Cuiabá: Central de Texto; EdUFMT, 2013. e-book. Disponível em:

<http://www.editora.ufmt.br/index.php?route=product/product&product_id=325>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ALVES, Rubem. A arte de produzir fome. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 2002. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>>. Acesso em: 16 dez. 2009.

BRASIL. Decreto n.5.622 de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei 9.394 de 1996. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf>. Acesso: 2 out. 2015.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394 de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso: 19 set. 2015.

_____. Ministério da Educação. Referenciais de qualidade para educação superior a distância. SEED. Brasília, DF, 2008.

BELLONI, M. L. *Educação a Distância*. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

CERTAU. Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAVES, Virgínia. *A Dança: uma estratégia para revelação e reelaboração do corpo no ensino público fundamental. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador*. 2002.

DAMÁSIO, Antonio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FREIRE. Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FRITJOF Capra. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005.

HACK, J. R. *Gestão da educação a distância*. Indaial: UNIASSELVI, 2009.

KRESS, Gunther; BEZEMER, Jeff. Knowledge, creativity and communication in education: multimodal design. *Beyond Current Horizons*. Centre for Multimodal Research, Institute of Education, University of London. Março/2009.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA JR, Arnaud S. de. Tecnologias Intelectuais e Educação: explicitando o princípio proposicional/hipertextual como metáfora para educação e o currículo. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 13, n. 22, p. 401-416, jul./dez., 2004. Disponível em <http://www.uneb.br/revistadafaebe/files/2011/05/numero22.pdf>

LIMA, D. C. Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade: Educação a Distância na educação superior. Produto 1 e 2. Brasília, DF, MEC/CNE, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16510-produto-01-estudo-analitico&category_slug=outubro-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 30 set. 2015.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MILL, D. Universidade Aberta do Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). *Educação a Distância: o estado da arte* 2. São Paulo: Pearson, 2012. p. 280-291.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. *Educação a Distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORNELLAS, Maria de Lourdes S. Afetos Manifestos em sala de aula. *Revista de Educação, Educere et Educare*, Paraná v.1, p. 119-140, 2006.

PIRES, Sandra Regina Alves. Técnica: Uma aproximação Histórico-Conceitual. *Serviço Social em Revista*, Universidade Estadual de Londrina, v. 7, n. 2, jan./jul., 2005. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v7n2.htm>

PETERS, O. *A educação a distância em transição*. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RISTOFF, D. Vinte e um anos de educação superior: expansão e democratização, *Cadernos do GEA*, Rio de Janeiro, n. 3, 2013. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/Caderno_GEA_N3.pdf> . Acesso em: 30 set. 2015.

ROCHA, M.C.S. *Afetividade na Educação a Distância Online: Análise da Expressão da Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem Online*. 2011 60 f. Monografia (Especialização em Educação a Distância - EaD) Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2011.

_____. *Planejamento de Cursos a Distância: estratégias e tecnologias; programas e conteúdos*. 2011. Curso Moodle para professores: “a educação online na UFBA”Disponível em <http://www.antigo-moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=83953>

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013. – (coleção comunicação).

SANTOS. Edmea Oliveira dos. *Educação Online: Cibercultura e Pesquisa-Formação na Prática Docente*. 351 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002

SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2010

SOUZA, Elmara Pereira de. *Cartografia da produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem para a formação de docentes online*. 278 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Doutorado Multi-institucional, Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Salvador. 2013.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES



Introdução à Educação a Distância

Propõe uma imersão no universo da educação a distância, focado no estudo de três temas correlatos: educação a distância e as tecnologias de informação e comunicação, aprendizagem e construção do conhecimento na educação a distância, ambiente virtual de aprendizagem no processo de ensinar e aprender



PROGRAD
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

SEAD 
Superintendência de
Educação a Distância | UFBA

 **UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

 **NELT** NÚCLEO DE ESTUDOS DE
Linguagens & Tecnologias